

A representação de identidade nacional em escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Lúcio Kreutz¹

Resumo

As diferenciações culturais são milenares. O que tem mudado é o modo de percebê-las e de tratá-las ao longo do tempo. Nossa base histórica tem sido predominantemente a de um silenciamento da diferença a partir de uma determinada cultura, processando-se a redução da diversidade na interiorização acrítica do próprio código cultural. No presente estudo não se entende as categorias de etnia e de nação como tendo uma identidade estabelecida, fixa. Identidade, etnia e nacionalidade são sempre reconstruídas, encontram-se em processo, tem limites múltiplos e instáveis. Sua afirmação ocorre numa perspectiva relacional, em que há estranhamentos, em que se entrecruza o choque das diversas tradições culturais e em que se reelabora o processo identitário. A literatura escolar dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul dá ênfase à forma como eles representavam sua identidade nacional, então conflitante com a luso-brasileira, considerada a oficial. No presente estudo pretende-se entender as razões pressupostas na articulação deste discurso de afirmação da nacionalidade.

Palavras-chave: educação e etnia; nacionalidade e imigração; história da educação no RS.

Abstract

Cultural differentiations are millenniums old. What actually has changed is the way of perceiving and treating them along the times. Our historical basis has been predominantly one of silencing the difference departing from a given culture, thus being processed the reduction of the diversity in the uncritical internalization of the cultural codex itself. In the present study we don't understand the categories of ethnicity and nation as having an established, fixed identity. Identity, ethnicity and nationality are being continuously reconstructed, being in process, and having multiple and unstable limits. Its affirmation occurs in a relational perspective, in which there are estrangements, in which there intercross the chock of the different cultural traditions and in which the identity process is being re-elaborated. The scholarly literature of the German immigrants in Rio Grande do Sul gives special emphasis to the way how they used to represent their national identity, at those times conflicting with the luso-Brazilian one, considered as the official one. In the present study we try to understand the reasons presupposed in the articulation of the discourse of affirmation of the nationality.

Keywords: education and ethnicity, nationality and immigration, history of education in Rio Grande do Sul.

¹ Lúcio Kreutz, doutor em educação, é professor no Programa de Pós-Graduação da UNISINOS, em São Leopoldo. Seus estudos relacionam-se com o processo escolar entre imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, fazendo a leitura a partir da categoria de etnia e nação.

Fone: 051-592-1986

E-mail: lucio@netu.unisinos.tche.br

A literatura escolar dos imigrantes alemães dá ênfase à forma como eles representavam sua identidade nacional, então conflitante com a lusobrasileira, considerada a oficial. No presente estudo pretende-se entender as razões pressupostas na articulação deste discurso de afirmação da nacionalidade.

Uma característica marcante destes imigrantes foi a importância dada à questão escolar. Na década de 1930 haviam alcançado alto índice de alfabetização em mais de mil núcleos rurais. Este processo escolar era dinamizado através de uma literatura específica, composta de duas coleções de jornal/revista (Jornal do Professor, um católico e outro evangélico), de 1900-1939, e de mais de cem manuais escolares. Ocorreu de forma mais intensa e planejada até 1939 quando, em contexto de acentuado nacionalismo, o governo suprimiu a iniciativa dos imigrantes através de sucessivos Decretos de Nacionalização.

O discurso nacionalista, ao fundir o significado de nação com o de pátria, forçou uma homogeneização a partir de certos núcleos de adesão. Também realizou um movimento complementar de exclusão e integração ao descrever grupos, ao impor espaços, ao conferir a palavra ou ao negá-la. Porém, este discurso oficial, linear, não retrata as tensões, os mecanismos de seleção/exclusão, autorização/silenciamento presentes no processo histórico. Por isto, pretende-se detectar, neste texto, através da literatura escolar, a particular concepção de identidade nacional presente no processo educacional dos imigrantes alemães. A intenção é a de penetrar na trama das tensões e relações então predominantes, tomando-se como ótica de leitura a representação de identidade nacional elaborada pelos imigrantes alemães e que se tornou conflitiva com a representação oficial.

A narrativa, segundo Ricoeur (1985), é uma estratégia fecunda para se conseguir o entendimento do passado porque permite reconstruir o processo no qual uma coletividade se encontrava, a partir da fala da mesma. A narrativa permite perceber a representação que determinado grupo fazia de si e dos outros. Ela favorece um olhar mais perscrutador para a parte explícita e refletida da ação, invocando-se a capacidade inventiva dos agentes (Nóvoa, 1992) na intrincada trama das relações do processo histórico.

Com as sinalizações feitas por Chartier (1991 e 1994) e por Nunes e Carvalho (1993), entende-se a representação não como uma idéia abstrata, mas como o social ordenado, classificado a partir de posições dos agentes nela articulados. Não se pode, então, buscar a explicitação de identidade nacional dos imigrantes alemães apenas como uma construção abstrata, a nível das idéias. É preciso fazê-lo a partir da rede de relações existentes, alertando-nos para as múltiplas e diferenciadas práticas de apropriação,

pois, as práticas culturais inscrevem em suas estruturas, nas suas diferenças mais formais, as diferenças e os recortes que estão socialmente mais enraizados. As práticas e as representações precisam ser entendidas como sendo de agentes determinados. Se entendemos que a representação é elaborada a partir de uma perspectiva específica, também é necessário explicitar o referente externo do discurso que se articula na representação. A cultura sempre está vinculada à vida social, o que implica a necessidade de se conduzir a análise num percurso que vai do significante para o significado. Nesta perspectiva, representação significa o social ordenado, classificado a partir da posição dos agentes nela articulados (Nunes e Carvalho, 1993, p.57). Isto significa tentar avançar não apenas na compreensão dos sujeitos que elaboraram este discurso, mas sinalizar também para o lugar da fala, para o conjunto de relações implícitas e para as razões subjacentes a esta articulação. Trata-se de admitir uma certa provisoriidade da base epistemológica, atenta a refazer-se pelo desafio de ler a impregnação recíproca de grupos diferenciados no processo educacional e escolar. Trata-se também de admitir a dinâmica de uma sociedade culturalmente múltipla como o lugar de interações e de contradições em que aquilo que se consegue em cada período são apenas “equilíbrios instáveis e aproximações passageiras” (Restrepo, in Assmann, 1997, p.79).

A concepção de nacionalidade e de educação vista a partir da categoria de etnia permite um novo olhar para nosso objeto de análise. Segundo Trigger (1982), favorece um olhar que seja revelador de uma nova sensibilidade para as diferenças culturais, questionando-se os enfoques autocentrados e universalizantes. “A cultura é alterada historicamente na ação”(Sahlins, 1990, p.8). Este entendimento implica a necessidade de uma base epistemológica que nos permita conceber o real e trabalhar com o mesmo em perspectiva de constante fluxo.

Identidade étnica, identidade nacional e educação

A explicitação epistemológica posta significa que não entendemos as categorias de etnia e de nação como tendo uma identidade estabelecida, fixa. Ao contrário, são categorias que se encontram em processo, que estão num constante fazer-se e refazer-se. Por isto, parece mais adequado falar em processos identitários (Nóvoa, 1992 e Hall, 1997), ou, em processos de singularização (Guattari, 1986).

O fundamental é que se perceba etnia e nação como estando em processo, com limites múltiplos e instáveis e que se realce o aspecto relacional e situacional destas categorias. O ser humano nasce culturalmente situado. Mas isto não é um destino, pois, ele retoma constantemente o

conflito de tradições e reelabora suas características étnicas e de nacionalidade. É um movimento que implica em jogo de poder, em correlação de forças. É um movimento carregado de tensões e contradições. A identidade étnico-cultural, mesmo onde aparece como marginalizada e excluída, não é uma realidade muda, simples objeto de interpretação. Ela constrói-se nas práticas sociais. Segundo Silva (1996, p.193),

“não temos critérios para atribuir maior valor ou importância a uma determinada cultura. No entanto, no processo histórico concreto, no jogo de poder e na correlação de forças, determinadas culturas se impuseram como mais válidas que as outras”.

Etnia é definida por Bobbio (1992, p. 447) como “um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios”. De modo semelhante, Hall (1997, p. 67) define etnia pelas “características culturais - língua, religião, costumes, tradições, sentimentos de “lugar”- que são partilhados por um povo”. Alerta, no entanto, que isto não pode ser entendido em sentido fundacional, como um mito de origem além do tempo real, também denominado como ancestralidade.

A identidade étnica caracteriza-se pelo conjunto de elementos selecionados dentro de uma herança cultural, simbolizando a distintividade do grupo. Seyferth realça, com base em Barth, que na etnicidade

“os limites são múltiplos e instáveis – eles podem mudar com bastante frequência porque a etnicidade é situacional e a interação determina o grau de inclusividade empregado na categorização dos membros e não-membros” (Seyferth, 1994, p.23).

Também o conceito de nação implica esta perspectiva relacional. Weber afirma que tradicionalmente entendia-se nação como uma

“comunidade com uma mesma tradição histórica, assentada na existência de uma mesma língua, de uma religião e etnia comuns, de uma experiência sócio-cultural homogênea e na existência de um território socialmente compartilhado. Isto é, nesta perspectiva entende-se nação como uma entidade objetivamente demarcada por fronteiras lingüísticas, culturais e territoriais”(Weber, 1997, p.14).

E o mesmo Weber pergunta: não seria nação mais propriamente

“a resultante imaginária de um conjunto de seres que se supõem integrantes de uma determinada nacionalidade, constituída por aqueles que, unidos em torno de algumas fidelidades subjetivamente instituídas, desejaram, em alguns momentos, integrar uma nação”(Weber, 1997, p.13) ?

O étnico, assim como Scott (1990) o entende em relação a gênero, perpassa os símbolos de uma sociedade, suas normas, sua educação e sua organização social. O étnico não se dá no abstrato, os processos culturais são conflitivos e em cada etnia há uma história de luta pela determinação de suas metas e valores (Betancourt, 1997, p.9). Isto significa que o étnico concorre para que a concreção histórica se efetive de um modo específico. Significa que a educação também se torna etnicizada, “atravessada” pela etnia, e se concretiza neste espaço de confrontos e dissensões. Enguita (1995) entende que isto tem uma importância especial no presente momento histórico porque a escola não é apenas um lugar a mais em que se repetem os prejuízos e as tensões étnicas. Ela é o lugar-chave, neste sentido, porque é essencial na produção e reprodução da cultura. Arroyo (1996, p.7) realça que a percepção da herança múltipla, polifônica, das tradições culturais, redescobri-las, é o primeiro passo para uma postura frente ao desafio de entender como estas diferenciações foram sendo engendradas historicamente e que significações produziram na articulação de processos educacionais. Trata-se de instaurar um novo olhar através do qual se passa a dar mais atenção para as relações entre educação, cultura e sociedade. Eleger a etnia como uma das categorias em educação significa entender que o pertencimento étnico interfere na concreção de especificidades no processo educacional, tem uma dimensão engendradora de peculiaridades, de tentativas de afirmação daquilo que determinado grupo considera próprio em relação a um processo coletivo mais amplo e que por isto se torna conflitivo. O étnico interfere no educacional porque o impregna de vivências e simbologias.

No processo escolar as pessoas elaboram a partir de condições dadas numa intrincada rede de interações em que o étnico efetivamente interfere na construção de significados. Busca-se nova base epistemológica para a educação que, segundo Arroyo (1996, p.7),

“reflita ao mesmo tempo a complexa diversidade de identidade, grupos, etnias, gêneros, diversidade demarcada não apenas por relações de perda, de exclusão, de preconceito e discriminação, mas demarcada por processos ricos de afirmação de identidade, valores, vivências, cultura”.

Admitindo que a educação tem a ver com o étnico, isto é, está perpassada pelo mesmo, perguntamos, no entanto, pela questão de nação/nacionalidade. O que esta tem a ver com a educação e com etnia?

Sabemos que as diferenciações culturais são milenares. O que tem mudado é o modo de percebê-las e de tratá-las. Guibal (1997) diz que nossa herança histórica, no Ocidente, tem sido de uma marcante “ubicação monocultural”. O encontro com outros povos tem sido efetuado sob uma racionalidade eurocêntrica. Para Süss (1993), neste paradigma, o conhecimento tem representado o abraço mortal da integração do outro nos esquemas do próprio. Nossa base histórica tem sido a de um silenciamento da diferença a partir de uma determinada cultura, processando-se a redução da diferença na interiorização acrítica do próprio código cultural. Assim, quando a Europa se relacionou com âmbitos maiores que os de sua vizinhança geográfica, não o fez sob a perspectiva do encontro e do diálogo.

“Quinhentos anos de relações assimétricas e de desvalorização sistemática do diferente, configuraram nossa percepção do **outro** como inferior, cabendo a assimilação ou a rejeição porém, não um verdadeiro diálogo” (Juliano, 1993, p.15).

A diferença era tida como um estigma a ser superado pelo caminho da uniformização, na perspectiva de uma superioridade protetora. A identidade era concebida como algo monolítico, homogêneo e estabelecido, suscetível de ser transmitido pelo colonizador ao colonizado.

A partir do iluminismo, especialmente a partir de sua expressão política na Revolução Francesa, passou-se a considerar os diversos grupos humanos como “povos”. É neste contexto e a partir deste momento histórico que se estabelece o movimento das nacionalidades. À primeira vista pode parecer que neste momento houve um rompimento com a lógica uniformizadora anterior, já que começava a constituição de **nações** e de **povos**. Porém, mesmo então buscava-se um pretense coletivo, operava-se uma universalização no conceito de povo e de nação, desconsiderando-se as especificidades e as diferenças culturais. O discurso nacionalista, ao fundir o significado de **nação** com o de **pátria**, forçou uma homogeneização a partir de certos núcleos de adesão. Realizou um movimento complementar de integração e de exclusão ao descrever grupos, ao impor espaços, ao conferir a palavra ou ao negá-la. Bernd (1992) e Antelo(1994) salientam que este discurso oficial, linear, não retratava as tensões e os mecanismos de seleção/ exclusão, de autorização/ silenciamento, presentes no processo histórico, sempre com uma carga muito forte de tensões, conflitos e alianças.

Hobsbawm (1990) também realça que a modernidade teve esta tendência de universalização e, portanto, de silenciamento das diferenças. Enfatiza que, ao afirmar os nacionalismos étnicos, a modernidade foi institucionalizando uma língua em detrimento de outras, criando assim centros de identificação básica para a nacionalidade, inventando formas de adesão e de exclusão. Em relação à diversas etnias, construiu-se uma representação das mesmas que melhor correspondesse à edificação do projeto nacional, com fortes reflexos para o processo escolar. A escola foi chamada a ter um papel central na configuração de uma identidade nacional. Com isto tornou-se simultaneamente, uma instância de incentivo à exclusão de processos identitários étnicos. A dificuldade de articular processos identitários com projeto político tem sido uma constante nas formações nacionais.

É fundamental compreender que o processo educacional e escolar foi acionado pelo movimento das nacionalidades como instância privilegiada de afirmação de uma pretensa universalização a partir de um particular. Falcon (1986, p.29) salienta que nas práticas ilustradas poucos terão sido os temas cuja importância haja alcançado nível semelhante ao da educação e da escola, na perspectiva política de formação nacional. Também Silva (1996) salienta que a escola foi concebida em função dos grandes projetos político-sociais, para transmitir e generalizar os princípios da justiça e da igualdade. Na perspectiva iluminista, entendia-se que o sistema educacional deveria ser submetido ao controle do Estado para que se chegasse “à unificação institucional e à centralização administrativa”(Falcon, 1986, p.43).

Acionada em função desta perspectiva de universalização, a escola era considerada simplesmente **escola**, e o aluno simplesmente **aluno**, independentemente de origem social e cultural, da diversidade de experiências vivenciadas. O processo educacional refletia muito pouco a diversidade e a complexidade. O discurso nacionalista, sob o signo do qual o processo escolar foi acionado pelo Estado laico, a partir de 1780, é um exemplo claro desta perspectiva. A maneira concreta como, com base no discurso iluminista, a escola foi acionada para a afirmação e a legitimação de uma determinada formação étnico-cultural, temos na proposta do Diretório¹ de 1758, que se tornou referência para as escolas públicas em todo o território português. Manifesta-se, aí, a dificuldade em lidar com o étnico e com o culturalmente diferente. No Diretório os povos dos

1 O Diretório, uma regulamentação de Pombal dirigida às Províncias do Pará e Maranhão e logo estendida a todas as Províncias da então Colônia, orientava a formação de aldeamento dos povos indígenas após a expulsão dos jesuítas. Tinha por título: “Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e do Maranhão, enquanto sua Majestade não mandar o contrário”.

aldeamentos são tratados como rústicos, como estando em barbárie. Era preciso eliminar esta barbárie, começando pela língua que falavam. Dizia o Diretório:

“§ 6 – Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos Povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade de seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe”(Diretório, in BEOZZO, 1983).

Na modernidade minimiza-se, portanto, a heterogeneidade de etnia, de gênero, de religião, de idade, sempre presente no processo histórico com uma carga muito forte de tensões, conflitos e alianças. No campo educacional as conseqüências foram marcantes, construiu-se a referência de universalidade a partir de um particular. Assim, o que para uma etnia pôde ser percurso de afirmação, para outras foi um processo traumático.

Com a formação dos estados nacionais produzia-se concomitantemente um espaço hierarquizado em que se definia o que seria caracterizado como verdadeiramente nacional e o que deveria ser excluído desta compreensão. Formou-se “uma ordem discursiva hierarquizada que se apresentava como um sistema consistente e completo”(Coutinho e Eliot, apud Bellei, 1992, p.14 e 16), para os referenciais de então.

Teuto-brasileiro (Deutschbrasilianer), uma categoria a expressar identidade.

O esquema de referência para a compreensão de cidadania e de etnicidade diferenciou-se fundamentalmente entre a tradição luso-brasileira e os imigrantes alemães, gerando uma série de conflitos.

Perguntamos: existe efetivamente base histórica para se falar em teuto-brasileiro? De que se trata?

Diversos estudos, entre os quais se destacam especialmente os de Seyferth e Rambo, realçam que os imigrantes, ao chegarem ao Brasil, romperam simbolicamente os laços com o território alemão, com a sua cidadania de origem, e assumiram a colônia como a nova pátria. Não tinham em seu horizonte uma expectativa de retorno e consideravam a imigração efetivamente como o início de uma nova vida. Quando se referiam aos ascendentes, a contagem de geração encerrava-se sempre no casal de pioneiros. Porém, entendiam que cada grupo étnico de imigrantes teria

direito de manter seus costumes, sua cultura, sua língua e no entanto, sendo igualmente cidadãos brasileiros. Como exemplo citavam a Suíça, com fortes diferenciações étnicas e com três línguas oficiais. E esta representação pluralista entrou em choque com a representação brasileira de nação, baseada no princípio territorial (*jus soli*) como fundamento da nacionalidade e do Estado.

Por que os imigrantes alemães resistiram em abandonar a língua alemã e por que persistiram na afirmação de especificidades étnicas e, no entanto, declaravam-se reiteradamente como brasileiros? A literatura teuto-brasileira, da qual faremos diversas citações, volta-se freqüentemente para esta questão de reivindicar a manutenção de especificidades étnico-culturais, porém, reconhecendo e afirmando a cidadania brasileira. Isto causava espanto para os luso-brasileiros com uma tradição diferenciada de nacionalidade e cidadania, entendendo que não era possível separá-las. E os imigrantes alemães vinham de uma tradição que permitia desvincular o conceito de nacionalidade do conceito de cidadania. Nacionalidade não dependia da vinculação com algum Estado específico que o comprometia como cidadão. A nacionalidade determinava-se, nesta concepção, a partir de raça, de etnia, valores, enfim, de peculiaridades étnicas, apelando-se para o “*jus sanguinis*”, o direito pelo sangue, pela herança da tradição.

Nesta “herança” ou “tradição” a língua geralmente era o elemento definidor principal. Rambo (1994) destaca, a partir de pesquisa na imprensa teuto-brasileira, que para estes imigrantes a língua representou o elemento mais marcante para afirmarem e reafirmarem constantemente a sua pertinência à nacionalidade alemã. É neste sentido que os imigrantes entendiam que era possível considerarem-se alemães sem conflitar com a sua cidadania brasileira.

Para a tradição luso-brasileira, em que se parte do princípio do “*jus soli*” como referencial identificador de brasilidade, foi difícil entender como os imigrantes podiam declarar-se cidadãos brasileiros e afirmarem simultaneamente sua nacionalidade alemã. “Se o nacionalismo alemão supõe compromisso étnico-cultural-linguístico, nacionalismo para o luso-brasileiro supõe, em primeiro lugar, compromisso político com o Estado brasileiro” (Rambo, 1994, p.49).

No caso brasileiro, a nacionalidade, a brasilidade circunscrevem-se diretamente pelo pertencimento geográfico ao território. Porém, entendendo-se um substrato étnico-cultural referenciado à cultura luso-brasileira. Entre imigrantes alemães questionava-se este critério de propor o lusitanismo como viga mestra na construção da brasilidade. Dizia-se que

“a etnia lusitana que representava o legado lingüístico, sangüíneo e histórico de uma determinada e considerável parte dos atuais

brasileiros –os luso-brasileiros– é deste modo estendido de uma maneira completamente injustificada, sobre o Brasil com suas múltiplas outras etnias não-lusitanas. A forma de brasilidade defendida pelo nativismo e integralismo nada mais é assim, que a exigência completamente injustificada do predomínio da etnia lusitana no Brasil. Ela não é brasilidade no verdadeiro sentido da palavra, mas sim imperialismo étnico lusitano”(Hunsche, 1941 p.139-40).

Esta questão é complexa e não é escopo exaurir aqui a discussão a respeito. Remeto especialmente aos estudos de Willems, Seyferth, Schaden, Rambo, Dreher e Gertz. Para o presente estudo é importante salientar que houve referências diferenciadas entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros para a compreensão de nacionalismo e cidadania. O nacionalismo brasileiro baseava-se num ideal assimilacionista, com pressupostos de miscigenação, o que contrariava a proposta pluralista teuto-brasileira. E esta diferenciação foi gerando uma situação fortemente conflitiva nas primeiras décadas do presente século, especialmente no período da nacionalização com o Estado Novo . O depoimento de um teuto-brasileiro deste período é ilustrativo a este respeito:

“Eu não entendo muito de política. Só sei que um bom cidadão contribui para a grandeza de sua pátria, e minha pátria é o Brasil. Só que na nacionalização não tinha mais direitos, só deveres. Não entendi muito bem esta história de nacionalização. Nacionalizar o que? Os teuto-brasileiros nunca negaram sua cidadania, nunca negaram que são também brasileiros. Não sei em que alguém pode prejudicar o Brasil só porque fala alemão e tem orgulho da sua origem. Afinal, tenho muito orgulho de ter origem alemã” (Seyferth, 1981, p.190/1).

Esta fala parece-me representativa de uma tônica da imprensa teuto-brasileira onde sempre se afirmava a cidadania brasileira dos imigrantes e se fazia a reivindicação do direito de manterem especificidades étnico-culturais. A nacionalidade era entendida como um fenômeno étnico-cultural, não dependendo de fronteiras. Nacionalidade significa vinculação a um povo e não a um Estado. A cidadania, porém, vincula o indivíduo a um Estado e expressa identidade política. Willems (1946) e Roche (1969) afirmam que era efetivamente um processo conflitivo, sendo que a classe dominante brasileira, a que procurou os imigrantes para serem colonos, procurava mantê-los longe do processo político e com um mínimo de direitos civis. Impunha-se a condição de “colonos estrangeiros” a toda uma população que pretendia assegurar seu pertencimento ao Estado brasileiro

como cidadão, mantendo, contudo, suas especificidades étnicas. A elite política e intelectual brasileira, representada na fala de Sylvio Romero e Graça Aranha, considerava isto uma dupla nacionalidade, intolerável, indício de enquistamento lesivo à soberania nacional. Neste sentido criticavam a política de colonização do Império por ter permitido a concentração de imigrantes alemães nas colônias dos estados sulinos. Os imigrantes poderiam formar um estado dentro do Estado, não seriam abrigados (Seyferth, 1994 p.17).

O elemento fundamental para o presente estudo, que tem por objetivo entender como os teuto-brasileiros construam a representação de educação, identidade e etnia, é a constatação de que em relação a estes imigrantes ocorria uma especificidade em seu processo identitário. Entendiam-se como teuto-brasileiros. Portanto, algo novo estava se afirmando em seu processo identitário. Conforme Seyferth (1994, p.15) a categoria **teuto-brasileiro** (Deutschbrasilianer) vai se constituindo na segunda metade do século XIX para definir o duplo pertencimento: à etnia alemã enquanto referência cultural e ao Estado brasileiro enquanto pertencimento político, expressão de cidadania. Historicamente os imigrantes tem participado do processo político local/regional. E as lideranças teuto-brasileiras tem reivindicado a participação efetiva dos colonos no processo político, qualificando-os como cidadãos leais à nova pátria. Porém, tem reivindicado também o espaço para a expressão do Deutschtum (a germanidade), enquanto uma especificidade étnica não compartilhada com os demais brasileiros.

A representação de uma comunidade étnica teuto-brasileira partiu da própria visibilidade das diferenças sociais e culturais em relação à sociedade brasileira mais ampla e foi se definindo por seus membros a partir do cotidiano da língua alemã, da preservação de usos e costumes alemães (hábitos alimentares, organização do espaço doméstico, formas de sociabilidade, comportamento religioso, entre outros), intensividade da vida social expressa pelas muitas associações com forte caráter étnico (sociedades de tiro, de ginástica, de canto, de auxílio mútuo, escolares, etc.) e, especialmente, através do uso intenso da imprensa teuto-brasileira que afirmava valores étnicos.

Para Seyferth (1981, p.77) teuto-brasileiro é

“o indivíduo que fala o alemão como sua língua materna, tem ascendência (sangue) alemã, se considera membro da comunidade nacional (étnica) alemã, mas cuja lealdade política pertence ao Brasil e não à Alemanha.(...) Ser brasileiro significa, por outro lado, cumprir as obrigações de cidadão do Brasil como

qualquer outro brasileiro: votar nas eleições, trabalhar, pagar impostos, aprender a língua oficial, respeitar as leis, etc.”

Cidadania brasileira, nacionalidade alemã

Como os teuto-brasileiros expressavam concretamente sua representação de cidadania e nacionalidade em sua literatura escolar? Uma tônica desta literatura é a de querer ser conscientemente literatura teuto-brasileira, evidenciando o distanciamento da literatura alemã. Elabora-se livros didáticos específicos para a realidade teuto-brasileira. Dizia-se que os manuais didáticos da Alemanha não serviam no Brasil, que a realidade aqui era diferente da alemã, seria preciso trabalhar com símbolos daqui, engajando os alunos na realidade brasileira. Acima de 130 manuais didáticos foram elaborados neste sentido para a escola teuto-brasileira. Nestes há uma tônica na substituição de símbolos da história alemã pela brasileira, inclusive no sentido de contar as características físico-geográficas.

Porém, simultaneamente, insiste-se nas referências étnico-culturais alemãs, no modo de ser da alma alemã. Uma série de exemplos extraídos dos livros didáticos confirmam esta ênfase. Também os almanaques (*Kalender*) e jornais vão neste sentido. Pleiteia-se uma literatura específica para o teuto-brasileiro que tem por objetivo “cultivar o patriotismo brasileiro com alma (*Seele*) alemã”(Seyferth, 1981, p.107), isto é, as pessoas tem uma pátria, representada pelo local em que nasceram, mas ao mesmo tempo tem uma origem a preservar, a “*Seele des Volkes*”(ou alma do povo).

E. Niemeyer (1917, p.140-145) argumenta neste sentido no ***Kalender für die Deutschen in Brasilien***. Entende que o teuto-brasileiro tem um linguagem própria na qual aparece o espírito da língua alemã, porém, permeado pelo meio ambiente no qual nasceu e foi criado, o Brasil. Assim, embora se expresse em língua alemã, ela tem sua característica própria, diferenciada daquele da Alemanha.

Estudos de Seyferth (1981, p.109) realçam inclusive que esta especificidade teuto-brasileira causava choque para alemães recém-vindos ao Brasil e que, inclusive, a literatura teuto-brasileira retratava, freqüentemente, os vilões de suas histórias com os próprios alemães que estranhavam esta teuto-brasilidade.

O hino “*Der Deutschbrasilianer*”, de Otto Meyer, que aparece praticamente em todos os manuais de leitura da escola teuto-brasileira, é um exemplo claro de que os imigrantes alemães professaram sua cidadania brasileira e cantavam seu “*deutsches Lied*”(canção alemã) a partir das

maravilhas do cenário brasileiro. Canta-se a lealdade ao Brasil, uma terra com nítidos vestígios da bênção do criador. Tem as estrelas mais belas, as noites mais lindas, terras férteis e hospitaleiras. É pátria eternamente sagrada e cara, por isto “trabalhamos com a força de quem ama a pátria” e “rezamos para que Deus dê prosperidade”.

O fato de o hino figurar em quase todos os manuais de leitura e de ser recitado freqüentemente nas escolas, demonstra que os brasileiros sentiam a necessidade de fazerem freqüentes profissões de cidadania brasileira. Possivelmente em função do estranhamento que o apego às especificidades culturais poderia provocar e efetivamente provocava.

Lied der Deutschbrasilianer²

1. Rein, wie hoch am Himmelsbogen
unsrer Heimat Sterne stehn,
mächtig, wie die Meereswogen
gegen unsre Küsten gehn,
soll der Heimatsang uns dringen
aus der treuen Brust hervor,
soll Brasiliens Preis erklingen
aus dem deutschen Männerchor

2. Fülle liegt auf deinen Fluren,
gottgesegnet Vaterland
leuchtend zeigst du noch die Spuren
von des Schöpfers Meisterhand:
In des Mittags blaue Fernen
Wob sie goldne Sonnenpracht,
Mit des Himmels schönsten Sternen
Schmückt sie funkelnd deine Nacht.

3. Deine fruchtgetränkte Erde
gibt uns Mut zu frohem Tun,
gibt uns Muße, um am Herde
sonder Sorge auszuruhn.
Aus des Bodens Scholle ziehen
wir des Lebens bestes Mark,
aus des Bodens Kraft erblühen
die Geschlechter frei und stark

Hino dos Teuto-Brasileiros

1. Quão límpidas e altas na abóbada do céu
estão as estrelas de nossa pátria,
poderosas como as ondas do mar
se lançam contra o nosso litoral,
saia o canto pátrio
do peito leal,
ressoe o louvor do Brasil
do coro masculino alemão.

2. Fatura cobre teus campos,
pátria abençoada por Deus,
brilhando ainda mostras os vestígios
da mão de mestre do Criador:
Nas distâncias azuis do meio-dia
teceu o áureo esplendor do sol,
com as estrelas mais belas do céu
ela ornamenta reluzente tua noite.

3. Teu solo impregnado de fertilidade
nos dá ânimo para um agir alegre,
nos dá vagar, para, junto ao fogão,
descansarmos sem preocupação.
Do torrão do solo tiramos
o melhor sustento da vida,
da força do solo florescem
as gerações livremente e com vigor.

² Otto Meyer, in Deutsche Evangelische Lehrerverein von Rio Grande do Sul. Lesebuch für Schule und Haus. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1914, p. 123/4)

4. Laßt uns schaffen mit der Stärke
 dessen, der die Heimat liebt;
 laßt uns beten, daß zum Werke
 Gott uns das Gedeihen gibt!
 Ewig heilig, ewig teuer
 Bleibest du dem deutschen Lied,
 Heimatland, in dem das Feuer
 Unseres Herdes gastlich glüht.

4. Trabalhemos com a força
 de quem ama a pátria;
 rezemos para que a obra
 Deus faça prosperar!
 Eternamente sagrada, eternamente cara
 permaneces ao hino alemão,
 pátria, na qual o fogo
 De nosso fogão arde hospitaleiramente.

Igualmente o “Hino aos teuto-Brasileiros” de W. Ammon retrata este reconhecimento claro do Brasil como pátria, como berço, também construído com a participação teuto-brasileira, amado em palavras e ações, ao qual se está consagrado e ao qual se jura fidelidade até a morte. Porém, simultaneamente, refere-se à Alemanha como terra-mãe, sendo que o sangue alemão fica como garantia de incomensuráveis forças e que jamais se esquecerá da Alemanha.

Hymne der Deutschbrasilianer³ Hino dos Teuto-Brasileiros

Heil dir, Brasil, du Vaterland,
 Wo unsrer Kindheit Wiege stand
 Auf selbstgeschaff' nem Boden,
 Wo unsrer Väter Schweiß und Blut
 Gegründet unser Heimatgut
 Durch ihrer Äxte Roden.
 Heil Deutschland dir, du Mutterland!
 Das deutsche Blut bleibt uns zum Pfand,
 An Kräften unermessen.
 Und gilt auch unser Lebensziel
 Dem großen Vaterland Brasil,
 Doch nie wir dein vergessen.
 Heil dir Brasil, du Sonnenland,
 Wir lieben dich mit Herz und Hand
 Und weih'n dir unser Leben.
 Im Stolz auf unsre Eigenart,
 Die uns von deutschen Vätern ward,
 Sind wir dir treu ergeben.
 Heil dir, du Flagge Grün und Gold,
 Wenn sie sich frei vor uns entrollt,
 Dann schlagen unsre Herzen.
 Wir folgen ihrem Aufgebot,
 Der Fahne treu bis in den Tod,
 In Jubel und in Schmerzen.

Salve, Brasil, oh pátria,
 Berço de nossa infância.
 Em solo por nós mesmos conquistado,
 Onde o suor e o sangue de nossos pais
 Construiu nosso torrão-lar
 Desbravado com seus machados.
 Salve Alemanha, oh terra-mãe!
 O sangue alemão nos fica como garantia,
 De incomensuráveis forças.
 E mesmo que o destino de nossa vida
 Esteja dedicado à grande pátria Brasil,
 Jamais de ti nos esqueceremos.
 Salve Brasil, terra do sol,
 Nós te amamos de coração e de mão
 E a ti consagramos nossa vida.
 No orgulho de nossa própria maneira de ser,
 Que nós herdamos de nossos pais germânicos,
 Estamos fielmente rendidos a ti.
 Salve, pendão verde e dourado,
 Quando ele se desfralda livre diante de nós,
 Nossos corações palpitam.
 Seguimos a seu chamado
 Fiéis à bandeira até a morte,
 Em júbilo e em sofrimento.

³ In: “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1936 p. 57.

W. Ammon

Também o hino “À Pátria” (Dem Vaterland), igualmente muito difundido nos manuais de leitura da escola teuto-brasileira, retrata a preocupação dos mesmos em externar seu vibrante amor à pátria, o Brasil. Consagrava-se fidelidade ao Brasil, prometendo ódio a seus inimigos e, se fosse preciso, seria doada a vida, com amor, em sua defesa. Este poema, de C. M. Arndt, já circulava nos manuais a partir de 1894, muito anterior à primeira Guerra Mundial e, portanto sem ter havido pressões neste sentido.

Dem Vaterland⁴

Was brauest du, mein junges Blut?
Was fließen meine Tränen?
Was glüht in mir so rascher Mut,
So wallend heißes Sehnen?
Es ist des Vaterlandes Bild.
Das mächtig in mir lebet;
Brasilien das Herz mir füllt,
Mich wundersam durchbebet.

Mein bist du, und ich bin dein,
Will nimmer von dir lassen,
Will dir, Brasilien, Treue weihn,
All deine Feinde hassen;
Und wenn sie dich bedrängen hier,
Dein Häuflein unterlieget,
Dann, Heldentod, willkommen mir
Dein Sohn, Brasilien, sieget

Ich halte, teure Heimat, dich
Mit glühndem Arm umschlungen
Mein bist du, mein, es haben dich
Die Väter errungen
Verachte nicht den schwachen Arm,
Das thatenlose Leben;
O sieh', mein Herz, mein Herz so warm,
Es ist dir ganz ergeben.

À Pátria

Por que ferves, meu jovem sangue?
Por que correm minhas lágrimas?
Por que arde em mim ânimo tão disposto,
Um anseio ardente tão efervescente?
É a imagem da pátria
Que vive com força em mim;
O Brasil encanta meu coração
Vibra estranhamente dentro de mim

Meu és tu, e eu sou teu,
Jamais quero deixar-te,
a ti, Brasil, quero consagrar fidelidade
Odiar todos os teus inimigos;
E se aqui te oprimem,
Se teu pequeno grupo for vencido,
Então, morte de herói, sê benvinda,
Teu filho, Brasil, vencerá.

Mantenho, cara pátria, a ti
Abraçada com braço ardente;
Minha és tu, minha,
Os pais conquistaram-te para mim.
Não desprezes o braço fraco,
a vida sem grandes feitos;
Oh, vê, meu coração, meu coração tão ardente
Ele está totalmente dedicado a ti.

O hino de Arno Philipp, de 1907, portanto, também anterior ao ambiente hostil de guerra, permite que o imigrante, ao escutar canções alemãs, tenha suaves lembranças da pátria de origem. Porém, isto leva a uma declaração imediata de que a pátria agora é a amada terra do sol, o

4 In: “Kalender für die Deutschen in Brasilien”, 1936 p. 57.

Brasil, a jóia da criação que promete felicidade. Neste e em diversos outros poemas conjuga-se as perspectivas de futuro no Brasil como uma noiva.

Brasilien Heil!⁵

Wenn im trauten Freundeskreise
Froh erschallt das deutsche Lied,
ist's Kindessehen leise
mich zur Stammesheimat zieht
Dein gedenk ich, Mutter, hehre,
dein in treubewahrtem Laut;
doch in dir, Brasil, ich ehre
meine zukunfft, meine Braut!

Wie ob deinem Haupte gleißend
Strahlt das Kreuz mit hellem Schein,
Hoffnung-blinkend, Glück-verheißend
Dir, der Schöpfung Edelstein:
sei es ewig-lichter Tage
dir Symbol und Unterpfand,
und des Segens fülle trage
du, geliebtes Sonnenland!

Land, auf dessen Bergeskamme
Schwer des Urwalds Krone ragt
gastlich Land, dess' Herdes Flamme
nie dem Wanderer sich versagt,
nimm mich an dein Herz und flöße
der Begeistrung Kraft mir ein,
Herold deiner künftigem Größe
deines Ruhms Prophet zu sein.

Ja, ich seh, wie lebenskräftig
du die jungen Glieder regst
wie du, tausendfach geschäftig,
Stein um Stein zum Tempel trägst,
wo dein Glück dir sicher
in der Freiheit Hochasyl,
und der Arbeit Bürgerkrone
stolz dich ziert – o mein Brasil!

Brasil Salve!

Quando no íntimo círculo de amigos
ressoa alegre a canção alemã
suaves lembranças da infância
me levam para a pátria de origem.
De ti, mãe, me recordo sublimemente,
de ti em som fielmente guardado;
mas em ti, Brasil, eu honro
Meu futuro, minha noiva!

Como brilhar sobre a tua cabeça
refulge a cruz com claro fulgor,
sinalizando esperança, prometendo felicidade
a ti, jóia da criação:
seja de dias eternamente luzentes
para ti um símbolo e penhor,
e a plenitude de benção carregues
Tu, amada Terra do sol.

Terra em cujo cume dos montes
ergue-se pesada a coroa da mata virgem,
terra hospitaleira, cujo fogo de fogão
jamais se nega ao migrante,
aperta-me contra teu coração e infunde
em mim a força do entusiasmo,
para ser arauto de tua futura grandeza,
profeta de tua glória.

Sim, eu vejo, com que vitalidade vigorosa
moves os membros jovens,
como em atividades centuplicada
carregas pedra após pedra ao templo
onde tua felicidade more em segurança
no asilo-mor da liberdade,
e a coroa do cidadão, o trabalho,
te orna orgulhosamente – oh, meu Brasil!

Também no poema “Mein Lieben” (meu amor), de H.H.V. Fallersleben, compara-se a pátria com uma noiva a quem nunca se esquece,

⁵ Arno Philipp, 1907 In: Jünemann. Handbuch für Fortbildungs- und Abendschulen. Ausgabe K. São Leopoldo: Ed. Rotermond, 1929 p. 19.

com quem se está unido na alegria e no sofrimento e por quem se morre, se preciso for.

Mein Lieben⁶

Wie könnt ich dein vergessen!
Ich weiß, was du mir bist,
wenn auch die Welt ihr Liebstes
und Bestes bald vergißt
Ich sing es hell und rufe laut:
Mein Vaterland ist meine Braut!
Wie könnt ich dein vergessen!
Ich weiß, was du mir bist

Wie könnt ich dein vergessen!
Dein denk ich allezeit!
Ich bin mit dir verbunden

mit dir in Freud und Leid

Ich will für dich im Kampfe stehn
Und, soll es sein, mit dir vergehn
Dein denk ich allezeit!
Wie könnt ich dein vergessen!
Ich weiß, was du mir bist,
solang ein Hauch von Liebe
und Leben in mir ist.
Ich suche nichts als dich allein
und deiner Liebe wert zu sein.
Wie könnt ich dein vergessen!
Ich weiß, was du mir bist!

No mesmo sentido canta-se as maravilhas da pátria, o Brasil, na canção “O Brasil é minha pátria”.

Brasilien ist mein Heimatland⁷

1. Wo das Kreuz des Südens strahlet,
mein Brasil, die Heimat liegt.
Ich, ein freier Brasilianer
ich verachte den, der kriecht.

2. Schönes Land, so heiss geliebet
bist ja aller Vaterland.
Gott, der's uns so gross geschaffen,

Meu amor

Como poderia esquecer-te!
Eu sei o que me significas,
embora o mundo o mais caro
e mais precioso esqueça depressa/
Eu canto sonoramente e clamo alto:
Minha pátria é minha noiva!
Como poderia esquecer-te!
Eu sei que me significas.

Como poderia esquecer-te!
Estás sempre em meus pensamentos!
Estou unido contigo,

contigo na alegria e dor.

Por ti quero estar na luta
Como poderia esquecer-te!
Estás sempre em meus pensamentos!
Como poderia esquecer-te!
Eu sei o que me significas,
enquanto um sopro de amor,
E de vida estiver em mim.
Nada procuro senão a ti somente,
e ser digno de teu amor.
Como poderia esquecer-te!
Eu sei o que me significas!

O Brasil é Minha Pátria

1. Onde fulge o Cruzeiro do Sul
se localiza meu Brasil, a pátria
Eu, um brasileiro livre,
eu desprezo o homem servil.

2. Bela terra, tão ardentemente amada,
Afinal és pátria de todos.
Deus, a que criou tão imensa para nós

6 H. H. V. Fallerslebe. In: Jünemann. Handbuch für Fortbildungs- und Abendschulen. Ausgabe K. São Leopoldo: Ed. Rotermond, 1929 p. 1.

7 Friedrich Güll. In: Mehrere Lehrern. Grünes Lesebuch. Porto Alegre, Ed. Selbach, s/d. p. 15.

Hält's vereint mit starker Hand

A mantém unida com mão poderosa.

3. Ordnung herrsche! Nach dem Fortschritt
soll ein jeder trachten nur,
dass den Wohlstand man erblicke
rings umher in Haus un Flur.

3. Reine ordem! o progresso
seja o único objetivo de todos,
para que veja o bem-estar
Em toda parte, nas casas e nos campos.

4. Gold und Grün, du unsere Fahne,
führst nur Tapfere, Hurrah!
Tapfer sind wir Brasilianer
Vom La Plata bis Pará

4. Ouro e verde, tu nossa bandeira,
Só conduzes valentes, hurra!
Somos valentes, nós brasileiros
do Prata até o Pará.

Há diversos outros poemas nas quais se canta as maravilhas da pátria, o Brasil, e em que se promete amá-la, ser-lhe fiel e, se for preciso, doar a vida em sua defesa. Não somente poemas, mas também textos em prosa são freqüentes nos manuais escolares, nos quais se declara o Brasil como pátria dos imigrantes alemães. Veja-se o exemplo a seguir:

Nossa Pátria⁸

"Nossa pátria não é somente o lugar onde nascemos. Ela é muito maior. É todo o vasto Brasil. Nós somos brasileiros. Devemos amar nossa pátria, obedecer a suas leis, e quando formos grandes, devemos trabalhar por seu progresso e defendê-la, se ela for atacada por inimigos; sim, devemos inclusive sacrificar nossa vida pela pátria, se formos atingidos por uma bala inimiga na guerra.

A maioria dos habitantes do Brasil fala a língua portuguesa. E essa língua temos que apreender se, futuramente, quisermos progredir na vida. Nossa língua materna, porém, é a alemã, porque esta é a língua que aprendemos de nossos pais alemães. Essa língua nunca devemos esquecer, pois ela é maravilhosa e rica e tem sua origem num país maravilhoso, poderoso, cujos filhos sacrificaram alegremente suas vidas aos milhões na última grande guerra para a salvação da pátria. Devemos orgulhar-nos do fato de descendermos de um povo valente".

No *Lese und Uebungsbuch zur Erlernung der Portugiesischen Sprache für deutschbrasilianischen Siedlungsschulen*. (Livro de leitura e de exercícios de língua portuguesa para escolas de imigrantes teuto-brasileiros), da autoria de Rudi Schaefer, de 1925, dá-se bastante ênfase à declaração de nacionalidade brasileira por parte dos imigrantes alemães. Veja-se na pág. 102.

⁸ Friedrich Güll. In: *Mehrere Lehrern. Grünes Lesebuch*. Porto Alegre, Ed. Selbach, s/d. p. 15.

A Pátria

"Nossa pátria é o Brasil, o país em que nascemos, a terra de nossos pais, a nossa terra. Apesar de sermos pequenos ainda, desde já devemos pensar em servi-la e protegê-la um dia, se for necessário.

Nossa pátria é nossa segunda mãe, e ainda que não devamos desrespeitar a pátria dos outros homens, todavia temos o dever de preferir o nosso país a todos os outros; de lhe dar todas as nossas forças; de cooperar eficazmente no seu engrandecimento. Basta que sejamos instruídos, honestos e trabalhadores para nos mostrarmos dignos da nossa pátria".

E na pág. 124/5

Minha terra é o Brasil

"Onde brilha o cruzeiro, - é a terra do Brasil.

Sou um livre brasileiro, e desprezo gente vil.

Terra linda, tão querida, - pátria de todos és,

Destinada a ser unida, - Deus no-la grande fez.

Ordem reina e o progresso devem todos almejar,

que se possa ver expresso, - em redor o bem-estar.

Aurivêrde a bandeira, - só valentes unirá,

toda gente brasileira,- desde o Prata até o Pará".

Também na p.125 e 126 aparece claramente não apenas a necessidade de se enfatizar constantemente a nacionalidade brasileira dos imigrantes, mas de tornar esta temática como que a referência para exercícios escolares.

O Brasil

"Brasil! - Eis o nome desta terra, deste país gigantesco (riensenhaft), que chamamos - nossa pátria.

Situado na parte mais oriental da América do Sul, o Brasil estende o seu território (Gebiet) colossal (gewaltig) desde as fronteiras das Guyanas e de Venezuela - ao norte, - até a República do Uruguai - no sul; extensão esta que mede nada menos do que 4.250 quilômetros.

Quasi a mesma extensão alcança a sua maior largura de leste a oeste, a qual é de 4.135 quilômetros. Apresenta assim o Brasil uma superfície total de 8.522.000 quilômetros quadrados; isto é, cerca da metade da América Meridional (Südamerika).

O Brasil confina (angrenzen) quase com todas as demais Repúblicas da América do Sul. Todo seu vastíssimo território é admiravelmente dividido pela natureza em três grandes regiões, a saber (nämlich): a região amazônica (Amazonasgebiet) ao norte, a região oriental a leste e a região

platina (La Platagebiet) ao sul. Separadas pelas altas serras que percorrem o Brasil em todas as direções, são as três regiões regadas pelos grandes rios, alimentados por milhares de riachos (Bäche).

Um aspecto desolador (betrubender Anblick) e pouco conhecido apresenta o interior do Brasil, onde no mato virgem (Urwald) habitam ainda hoje na maior pobreza e ignorância (Unwissenheit), milhares de índios. Aspecto, porém, muito diverso apresenta ao viajante o litoral (biegüfte) de nossa pátria. Favorecido (begünstigt) pela ótima (beßte) posição e pela irregularidade de sua costa marítima, o Brasil oferece à navegação centenas (hunderte) de portos seguros; motivo (Beweggrund) este que contribuiu muito para que rapidamente (schnell) se colonizasse todo o litoral, mostrando assim a sua riqueza enorme nas vilas e cidades importantes que se acham em todas as partes”.

(Leitura de Petrópolis)

Uma outra forma de se auscultar de que forma os imigrantes elaboravam sua representação de cidadania, consiste em buscá-lo de forma indireta, através do conteúdo geral dos manuais escolares. Estes fornecem o retrato muito claro de quais eram as preocupações cotidianas dos imigrantes, quais suas referências em relação aos valores, tanto ético-morais e religiosos quanto sociais e cívicos.

Um manual muito representativo neste sentido é o Terceiro Livro de Leitura, editado pelos professores da Escola Gratuita São José. Não aparece o ano da 1ª edição, no entanto, em 1920 estava na 8ª. Este livro foi muitíssimo difundido nas escolas teuto-brasileiras. Na 14ª edição já estava atingindo o 125ª milheiro.

A estrutura do manual, a ênfase das temáticas, é típica da preocupação da escola entre imigrantes. Na primeira parte trata da trilogia Deus, Igreja e Escola. Realça deveres que os alunos devem cumprir: ser aplicado e econômico; ser obediente e grato; ser verdadeiro e cauteloso; estar satisfeito e ser piedoso; não furto; amar ao próximo. Também apresenta os aspectos relativos à casa paterna. Na 2ª parte trata da história natural (plantas, animais e minerais), da física, da geografia e da história.

Na história natural trata das plantas e dos animais tipicamente brasileiros e a geografia e a história são exclusivamente a brasileira. Este é quase um paradigma para os livros escolares teuto-brasileiros. Quando o manual é menos volumoso, organiza-se a temática por séries.

Mesmo os manuais de leitura para as séries iniciais enfatizam, embora de forma mais simples e resumida, os aspectos relativos à igreja-família-escola-valores ético-morais e aspectos típicos da natureza no Brasil tais como plantas, frutas e animais. Veja-se o sumário de **Deutsches**

Lesebuch für Brasilien für das erste und zweite Schuljahr (manual de leitura em alemão para o Brasil, para a primeira e segunda série). O manual foi organizado por Mathias Grimm e Peter Bürger, professores em Dois Irmãos e em Porto Alegre, editado em 1906 sob recomendação das duas Associações de Professores Teuto-Brasileiros, a católica e a evangélica. O livro embora elaborado no Brasil e para o Brasil, foi impresso em Berlim. Há outros casos semelhantes.

Estes manuais, recomendados pelas respectivas Associações de Professores, sem dúvida são muito representativos das temáticas consideradas fundamentais pelos teuto-brasileiros.

Observa-se que os diversos manuais tem duas subdivisões na parte referente à geografia: a) aus dem Vaterland (Vater = pai + Land= terra ou pátria); b) aus dem Mutterland (Mutter = mãe; Land = terra. É a terra de nascença, de origem alemã). Em todos os manuais que fazem esta subdivisão o conteúdo referente à parte do Vaterland trata do Brasil e o referente à Mutterland trata da Alemanha. Isto é bem ilustrativo da distinção que os teuto-brasileiros faziam entre cidadania (a pátria, o Brasil = Vaterland) e nacionalidade (especificidade étnico-cultural alemã). Confira-se, entre outros manuais, o

Rotermunds Lesebuch für Schule und Haus. Organizado pela Associação de Professores Teuto-Brasileiros Evangélicos, editado por Rotermund, em São Leopoldo, a partir de 1910.

Grünes Lesebuch. Organizado pela Associação de Professores Teuto-Brasileiros Católicos, editado pela Livraria Selbach, em Porto Alegre, a partir de 1910.

Indicações Finais

A literatura escolar teuto-brasileira apresenta algumas ênfases em relação à questão da identidade. Afirma e reafirma com insistência que eles, os imigrantes alemães, queriam ser e consideravam-se de nacionalidade brasileira. Mas também afirma e reafirma que eles não queriam, de forma alguma, renunciar às características étnicas alemãs. A mesma literatura apresenta recorrentemente falas dos mesmos imigrantes de que em relação a eles estava se gestando um processo identitário específico, isto é, estavam se tornando **teuto-brasileiros**. Entendiam-se como cidadãos brasileiros, mas de nacionalidade alemã. Porém, também entendiam-se marcadamente diferentes dos seus antepassados e parentes da Alemanha.

Tratava-se de um processo identitário que, por pautar-se em parâmetros específicos, causava estranhamento no contexto brasileiro. A tentativa de afirmação de uma forma diferente de ser brasileiro gerava, não poucas vezes, conflitos. Havia consciência clara de que este era um

movimento relacional, construindo-se numa dinâmica interativa e, simultaneamente, conflitiva.

É nesta interrelação que os imigrantes alemães tentavam afirmar suas especificidades e sentiam a necessidade constante de se professarem cidadãos brasileiros, porém, mantendo e reconstruindo especificidades étnico-culturais alemãs. A literatura escolar destes imigrantes é recorrente – apenas apresentamos alguns exemplos – nesta tentativa de afirmação de um processo identitário específico, o da teuto-brasilidade.

Esta afirmação de teuto-brasilidade ocorre nitidamente numa perspectiva relacional, em que se entrecruza o choque entre tradições culturais, em que ocorre a reelaboração do processo identitário. Não é, entretanto, um processo monolítico, com máxima objetividade. Vem carregado das dimensões de subjetividade e do estranhamento com o outro, com a cultura diferente. A categoria de representação, com a qual se trabalha neste texto, permite esta leitura do processo histórico no qual se insere, também, a perspectiva de subjetividade.

Referências Bibliográficas

- ANTELO, Raúl (Org.). **Identidade e representação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- ARROYO, Miguel G. Prefácio. In DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1997.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Nacionalidade e literatura: os caminhos da alteridade**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- BEOZZO, José Oscar. **Leis e regimentos das missões**. Política indigenista no Brasil. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- BETANCOURT, Raúl-Fornet. Aprender a filosofar desde el diálogo de las culturas. In: **II Congresso Internacional de Filosofia Intercultural**, São Leopoldo, UNISINOS, abril, 1997.
- BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Editora UNB, 1992, v. 2, p. 447.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7 n13, 1994: 97-113.

- _____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 11(5): 173-191, 1991.
- ENGUITA, Mariano Fernandez. **Escuela y etnicidad: el caso del pueblo gitano**. Madrid: ediciones Pirâmide, 1995.
- FALCON, Francisco José Calazans. **Despotismo esclarecido**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Ed. Nacional, 1972.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GUATTARI, F.; ROLNICK, S. **Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUIBAL, Francis. Lo intercultural en la Filosofia Europea: perspectivas desde Emmanuel Levinas. In: **II Congresso Internacional de Filosofia Intercultural**, São Leopoldo, UNISINOS, abril, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 1997.
- HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HUNSCHE, K. H. Problemas brasileiros sob o prisma teuto-brasileiro. In: **Relatório I da Chefatura de Polícia**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1941.
- JULIANO, Dolores. **Educación intercultural. Escuela y minorias étnicas**. Madrid: Eudema, SA, 1993.
- KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN. São Leopoldo: Ed. Rotermund.
- KG = KURZE GESCHICHTE DER DEUTSCHEN EINWANDERUNG IN RIO GRANDE DO SUL. Herausgegeben von der Arbeitsgemeinschaft 25 Juli in RS. Rotermund, 1936.
- NIEMEYER, E. **Kalender für die Deutschen in Brasilien**. São Leopoldo, Ed. Rotermund, 1917.
- NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professor**. Porto: Porto Editora, 1992.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. In: **Cadernos ANPED**, Porto Alegre, n. 5, 1993. p. 1-64.
- RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Claudia; VASCONCELOS, Naira (Org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 43-55.
- RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 1985 (Tomo 3).

- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Globo, 1969. 2v.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- SCHADEN, Egon. O estudo sócio-antropológico da aculturação dos alemães no Brasil. In: **II Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1974.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul/dez. 1990, p. 5-22.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- _____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 11-28.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia política**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SÜSS, Paulo. Reconhecimento e Protagonismo. In: **I Congresso Internacional de Filosofia Intercultural**. São Leopoldo, Pós-Graduação em História - UNISINOS, 1993 (palestra).
- TRIGGER, Bruce. Ethnohistória: problemas y perspectivas. In: **Ethnohistory**, vol. 29, n. 1, p. 1-29, 1982.
- WEBER, João Hernesto. **A nação e o paraíso. A construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. Estudos antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo